



O corpo enquanto conjunção subjetiva de descobertas no universo infantil: diálogos entre a psicanálise e a educação sexual

The body as a subjective conjunction of discoveries in the childhood universe: dialogues between psychoanalysis and sexual education

*Marcos Vitor Costa Castelhana*¹

Waleska Ramalho Ribeiro²

Aceito para publicação em: 30/06/2024

Área do conhecimento: Psicologia.

DOI: 10.18378/rbfh.v13i2.10598

RESUMO: Dentre as perspectivas teórico-práticas da infância, o desenvolvimento psicosexual, constantemente discorrido pelas vertentes psicanalíticas, esboça-se como modalidade teórico-prática significativa na compreensão das dinâmicas subjetivas, pulsionais e propriamente psíquicas-emocionais ocorridas nos trajetos infantes, comunicando-se com noções atreladas a formação contínua do sujeito desejante, assim como de suas constantes significações, investimentos relacionais e lapidações imaginárias-simbólicas de vetores corporais. Pensando nisso, considerando a pertinência dos diálogos teóricos-práticos da sexualidade infantil nas articulações formativas das noções de corpo em suas matrizes socioculturais, simbólicas e imaginárias, o presente estudo discute sobre como as interlocuções entre os enfoques psicanalíticos e a educação sexual podem atuar de forma concomitante nos panoramas experienciais e intersubjetivos da infância, tendo como plano central os imagos corporais enquanto expressões globais e intersubjetivas do sujeito desde das fases iniciais. Para isso, valeu-se da abordagem metodológica de pesquisa bibliográfica, mais especificamente dos moldes técnicos de busca e estruturação de matriz de revisão narrativa, operando-se através de procura de artigos científicos, capítulos de livro e obras especializadas relacionadas a temática aqui definida, sendo geralmente encontradas nas plataformas digitais do Google Acadêmico, Scielo e PePSIC.

Palavras-chave: Infância. Corpo. Psicanálise. Educação Sexual.

ABSTRACT: Among the theoretical-practical perspectives of childhood, psychosexual development, constantly discussed by psychoanalytic aspects, emerges as a significant theoretical-practical modality in understanding the subjective, instinctual and specifically psychic-emotional dynamics that occur in children's paths, communicating with notions linked to the continuous formation of the desiring subject, as well as its constant meanings, relational investments and imaginary-symbolic sculpting of bodily vectors. With this in mind, considering the relevance of theoretical-practical dialogues on child sexuality in the formative articulations of notions of the body in their sociocultural, symbolic and imaginary matrices, this study discusses how dialogues between psychoanalytic approaches and sexual education. To this end, we used the methodological approach of bibliographical research, more specifically the technical models of searching and structuring a narrative review matrix, operating through the search for scientific articles, book chapters and specialized works related to the theme defined here, generally found on the digital platforms of Google Scholar, Scielo and PePSIC.

Keywords: Infancy. Body. Psychoanalysis. Sex Education.

¹ Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário de Patos – UNIFIP, sendo mestrando em Ciências da Educação.

²Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB (2012). Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB (2002). Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Políticas Sociais NEPPS, Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Crianças, Adolescentes e Famílias GEPAC da UFPB.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento infantil se apresenta como um processo formativo-experiencial de matriz essencial para as elaborações multidimensionais e globais do sujeito em suas jornadas intra e interpessoais, levando em consideração que as suas resultantes são influenciadas por dinâmicas maturacionais (físicas e neurofisiológicas), socioculturais, cognitivas, entre outras (BEE; BOYD, 2011).

Dentre as perspectivas teórico-práticas da infância, o desenvolvimento psicosexual, constantemente discorrido pelas vertentes psicanalíticas, esboça-se como modalidade teórico-prática significativa na compreensão das dinâmicas subjetivas, pulsionais e propriamente psíquicas-emocionais ocorridas nos trajetos infantes, comunicando-se com noções atreladas a formação contínua do sujeito desejante, assim como de suas constantes significações, investimentos relacionais e lapidações imaginárias-simbólicas de vetores corporais (CASTELHANO et al., 2023).

Pensando nisso, considerando a pertinência dos diálogos teóricos-práticos da sexualidade infantil nas articulações formativas das noções de corpo em suas matrizes socioculturais, simbólicas e imaginárias, o presente estudo discute sobre como as interlocuções entre os enfoques psicanalíticos e a educação sexual podem atuar de forma concomitante nos panoramas experienciais e intersubjetivos da infância, tendo como plano central os imagos corporais enquanto expressões globais e intersubjetivas do sujeito desde das fases iniciais.

Para isso, valeu-se da abordagem metodológica de pesquisa bibliográfica, mais especificamente dos moldes técnicos de busca e estruturação de matriz de revisão narrativa, operando-se através de procura de artigos científicos, capítulos de livro e obras especializadas relacionadas a temática aqui definida, sendo geralmente encontradas nas plataformas digitais do Google Acadêmico, Scielo e PePSIC.

Sendo assim, citando as objetivações e caracterizações gerais do trabalho em questão, seguem as demais pontuações relacionadas aos eixos dialógicos voltadas as intermediações entre as vertentes psicanalíticas e a educação sexual defronte das visualizações teórico-práticas e experienciais voltadas ao corpo enquanto uma conjunção subjetiva de descobertas e processos formativos nos recortes resultantes e direcionais do desenvolvimento infantil.

DESENVOLVIMENTO

Antes de tudo, deve-se ter em mente que os domínios psicanalíticos, propostos inicialmente pelo, até então, médico neurologista Sigmund Freud, trouxe conceituações e sistematizações importantes sobre o funcionamento e dinâmicas psíquicas-emocionais dos sujeitos através das elaborações notáveis sobre a definição e possíveis estruturações do aparelho psíquico, tendo como plano de fundo a instância anímica denominada de inconsciente (DAVIDOFF, 2000; QUINET, 2003; BRAGHIROLI et al., 2012; MEDNICOFF, 2015; FEIST; FEIST; ROBERTS, 2015).

Uma das principais contribuições trazidas pela Psicanálise gira em torno das amplitudes da sexualidade infantil enquanto fator constitutivo dos processos subjetivo e pulsionais do sujeito desde das fases psicosexuais iniciais, revelando que os aspectos sexuais e eróticos não se restringem a capacidade reprodutiva adquirida após a puberdade, visto que tais elementos circunscritos permeiam diversos campos dialógicos, a exemplo dos manejos da díade prazer-desprazer, dos investimentos libidinais, das concepções de zona erógenas, entre outros (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

Nesse sentido, as visualizações psicanalíticas foram de encontro com os paradigmas médicos-societários de sua época que entendiam que as formatações da infância representam um percurso psicológico-biológico ausente de destinações sexuais, uma vez que se aludia a sexualidade enquanto condição própria da vida adulta, tendo as suas primeiras expressões na pós-puberdade, ficando claro que as concepções sexuais, em tais modelos descritivos, resumiam-se as lógicas fisiológicas e de copulação (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

Ainda nesse raciocínio, evidencia-se que as discussões psicosexuais abordadas pelos movimentos psicanalíticos sofreram variadas retaliações e perseguições na época de suas exposições dialógicas, dado que tais afirmativas ancoradas na existência da sexualidade infantil se apresentavam como contraposições as prerrogativas científicas vigentes e socioculturais de seu tempo, indo de encontro com os tabus, preconceitos e repressões sexuais que se perpetuam até os dias atuais (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2009).

Para Castelhana e colaboradores (2023), o desenvolvimento psicosexual, inicialmente direcionados pelas acepções freudianas, permite possíveis compreensões amplas sobre os atravessamentos a sexualidade infantil em suas interações pulsionais e de investimento libidinal ao longo das objetivações individuais-coletivas e psíquicas-emocionais do infante, tendo em

mente que as suas repercussões ecoam durante toda a jornada subjetiva do sujeito, considerando os seus percursos vivenciais e formativos.

Destarte, a psicosexualidade, iniciada logo no início da infância, não se resume em uma conjunção plena e unilateral, tanto que, para Fadiman e Frager (1986) e Piletti e Rosato (2012), o desenvolvimento infantil nos segmentos freudianos são divididos em três fases bem-definidas, sendo elas: o estágio oral, o estágio anal e a fase fálica. Lembrando que, além dos domínios da infância, existem o período de latência, após a dissociação do complexo de Édipo, e a adentrada no estágio genital, iniciada com as vicissitudes da puberdade, como também comentam os autores citados.

Seguindo tal lógico, deduz-se que o desenvolvimento psicosexual seria dividido em dois grandes momentos, no caso:

- 1- Recorte Autoerótico: Tal momento faz referência a todos as fases ocorridos entre os momentos da oralidade até a chegada da dissolução do complexo de Édipo, tendo como uma das principais caracterizações comuns o autoerotismo, dado que os investimentos libidinais são direcionados para zona erógenas localizadas no próprio corpo da criança, tendo em mente que cada movimentação pulsional apresenta as suas repercussões somáticas, psíquicas e emocionais (FEIST; FEIST; ROBERTS, 2015).
- 2- Recorte Genital: Com a chegada do estágio genital, os investimentos libidinais, assim como as demais movimentações pulsionais, tendem a ser direcionados para o outro e a sociedade, distanciando-se cada vez mais nas possibilidades autoeróticas. Entretanto, fica claro que, na obra freudiana, a construção das estruturações genitais não representam a extinção do autoerotismo, pois ao longo da jornada psicosexual infante o sujeito pode ter desenvolvido as chamadas fixações de estágio, influenciando em possíveis sintomas e regressões a posteriori (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

Mediante do avistado, observa-se que os percursos e destinos pulsionais da sexualidade infantil são amplos e multifacetados na medida que abarcam um conjunto diferente de zonas erógenas e movimentações pulsionais, gerando formações psíquicas-emocionais e subjetivas sob medida a cada sujeito. As fomentações psicosexuais representam a sua pertinência formativa também após o término das fases iniciais, visto que servem de base para a construção do aparelho psíquico nos recorte pós-edipianos, tanto que a própria noção de genitalidade é

influída diretamente pelas caracterizações infantis que se presentificam nas jornadas vivenciais posteriores, estando passível de retornos fixados e estruturantes.

Adentrando mais especificamente na questão do corpo em Psicanálise, Freud (1905/2016) aborda que o corpo infantil é alvo de diferentes investimentos libidinais em diferentes zonas erógenas, representando esse vasto caminho pulsional e de formação subjetiva e psíquica, demonstrando que tais circunstâncias somáticas são alvos de variadas experiências e significações não se limitando as contextualizações unilaterais e inflexíveis.

Com isso, Freud (1905/2016) denominou que o universo infantil é perverso polimorfo em suas estruturações iniciais, dado que os caminhos, destinos e alvos pulsionais na infância não se limitam a único objeto ou elemento específico, abrangendo facetas múltiplas e não pré-determinadas, possibilitando variados investimentos e descobertas ao longo da psicosexualidade em suas instâncias iniciais.

Todavia, Lindenmeyer (2012) recorda que o corpo infantil não deve ser visto como a soma das zonas erógenas em si mesmas, dado que as próprias instâncias corporais conservam a sua globalidade estruturante, considerada essencial para as formativas intersubjetivas e resultantes dos sujeitos em suas constituições e expressões somáticas-relacionais.

Nos preâmbulos das edificações subjetivas-corporais, entende-se que o corpo, devido a sua constante participação na manutenção e lapidação dos significantes da sexualidade, tende a vir a ser uma zona erógena através de suas dinâmicas intrínsecas da diade prazer-desprazer, estando passível de recalamentos mediante das instâncias psíquicas, culturais-civilizatórias e intersubjetivas, camuflando os desejos inconscientes reprimidos em suas expressões setoriais e globais (LINDENMEYER, 2012).

Desse modo, o corpo biológico, enquanto Soma, interliga-se com a concepção de corpo erógeno, formando uma unidade flexível que se transforma a cada nova instância psíquica-somática, gerando a necessidade de representação constante para que os aspectos corpóreos-físicos possam ser colocados na posição de pertencimento da realidade exterior instaurada e percebida pelo Eu (LAZZARINI; VIANA, 2006).

No estudo de Lazzarini e Viana (2006), evidencia-se que, partindo dos panoramas freudianos, o corpo erógeno, como fator associado aos elementos biológicos-fisiológicos, direciona-se para além das instâncias inatas, introduzindo-se na linguagem, nas memórias e nas próprias significações intersubjetivas, envolvendo os processos narcísicos, ao mesmo tempo que também estar implicada nas dimensões da alteridade (LAZZARINI; VIANA, 2006).

Coadunando as premissas supracitadas, resume-se que o corpo, sobretudo nas estágios

psicossexuais iniciais na infância, permeiam um campo de maçar do por um conjunto de formações e descobertas subjetivas consideradas fundamentais para os percursos psíquico-somáticos do sujeito, revelando que as instâncias corporais vão além da fisicalidade expressivas e biologizante, na medida se interliga com as prerrogativas da erogeneidade, geralmente visualizadas nas movimentações pulsionais e nas inserções da linguagem.

Entrando nas esquemáticas da educativas-sexuais, define-se a educação sexual como um campo de conhecimento e de ações direcionais associada um vasto panorama de organizações, planejamentos e intervenções perante dos paradigmas sócio-históricos e culturais que permeiam os valores e interpretações sobre a sexualidade em seus fatores globais, tendo em mente que tais pressupostos podem estar inseridos dentro e fora das realidades educativas em si mesmas (MAIA; RIBEIRO, 2011).

Nesse recorte, Maia e Ribeiro (2011) retratam que as exposições e estratégias em educação sexual não devem se aterem exclusivamente as temáticas sexuais específicas, apesar de suas pertinências ante das diferentes realidades sociais, visto que se fazem necessários planejamentos, intervenções e organizações contínuas, objetivando acima de tudo o engajamento social-coletivo e institucional para o acolhimento dos sujeitos em suas globalidades estruturais e experienciais.

Sob tal ponto de vista, as atividades lapidas nesses ramos metodológicos devem ser pautados pelas prerrogativas dos Direitos Humanos e Direitos Sexuais, baseando-se em conhecimentos e execuções de natureza científica, democrática e compreensiva, levando em consideração que cada sujeito carrega consigo valores sexuais previamente definidos que podem ser comunicados e dialogados de forma cooperativa e acolherada dentro das sistematizações educativas-sexuais (MAIA; RIBEIRO, 2011).

Nos contextos nacionais, observa-se que a educação sexual ainda se direciona de forma predominante a partir das óticas e enfoques higienistas e biológicos, intrinsecamente atrelados a uma ótica essencialista da sexualidade humana, distanciando-se de estratégias e planejamentos emancipatórios e dialógicos, sobretudo quando analisado as disposições expressivas e metodológicas utilizadas dentro dos liames educacionais-escolares (RODRIGUES; BRANCO; GELLIS, 2023).

Como contraposição perante tal realidade cosmovisional, Rodrigues, Branco e Gellis (2023) apontam que os princípios e contribuições expressas pela Psicanálise tendem a promover visões metodológicas-expressivas em torno das disposições atuais da educação sexual, visto que possibilitaria o entendimento mais amplo sobre a sexualidade e as formativas de gênero, fomentado estratégias democráticas e inclusivas que fossem de encontro com as

mecânicas da discriminação sexual.

À visto disso, os autores (2023) não falam diretamente da construção de uma “educação sexual de cunho psicanalítico”, mas sim das possíveis apostas e aportes metodológicos e metateóricos entre os paradigmas crescentes das matrizes educacionais-sexuais e os embasamentos psicanalíticos, indo de encontro com conservadorismo moral que bisa inibir as discussões sexuais e de gênero, intrínsecas nas relações e dinâmicas na contemporaneidades.

Na pesquisa de Fonseca (2022), os alicerces dialógicos entre a educação sexual e as vertentes psicanalíticas se apresentam como aliados imprescindíveis nas compreensões globais e vinculares em torno do desenvolvimento sexual, posto que, além de demonstrar a importância da família nos desdobramentos da psicosexualidade na infância e a significância dos programas educativos-sexuais para o desenvolvimento de qualidade do sujeito, atua como mediadora comunicativa dos descobrimentos e apreensões sobre a sexualidade infantil, lapidando recursos específicos para cada estágio psicosexual da criança.

Assim sendo, Fonseca (2022) afirma também que as uniões comunicacionais citadas acima auxiliam na compreensão teórico-prática e interativa para o trabalho com crianças, tanto que, ao fim de sua publicação, o autor recomenda a criação continuada de projetos para pais e educadores, objetivando a edificação de potencialidades técnicas e vivências para o acolhimento psíquico-emocional dos infantes em suas descobertas intersubjetivas, não se limitando as abordagens biologizantes.

Para finalizar, conclui-se que as conjunções e diálogos entre os enfoques psicanalíticos e a educação sexual trazem insights e estruturações pertinentes para as integrações e expressões do corpo infantil, sobretudo em suas inscrições erógenas, enquanto fatores estruturantes das descobertas subjetivas nos campos psíquicos-emocionais, somáticos e propriamente experienciais, promovendo a lapidação metodológica-experencial de estratégias e organizações voltadas a compreensão assertiva da psicosexualidade em suas ações teórico-práticas e intersubjetivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente do discutido, explana-se que as interlocuções entre os aportes educacionais-sexuais e as matrizes psicanalíticas traçam caminhos dialógicos e comunicacionais pertinentes para os entendimentos do desenvolvimento psicosexual infantil, sobretudo na potencialidade de difusão e construção coletiva de saberes, manejos e práticas compreensivas, promovendo

acolhimentos e trabalhos específicos mediante das individuais-coletivas dos sujeitos em suas constantes transformações e formações estruturais.

Outro ponto de destaque, gira em torno que as possíveis unificações dialógicas entre os eixos aqui percorridos pertinentes a visualização global da psicosexualidade infantil pra além das óticas essencialistas e higienistas biológicas, trazendo à tona as inscrições individuais, civilizatórias e das movimentação contínua da linguagem nas bases estruturantes do corpo infantil enquanto conjugação erógena, ressignificando a sexualidade em suas flexibilidades e idiosincrasias iniciadas desde da infância, distanciando-se das lógicas mecânicas dos aspectos sexuais intrincados unicamente nas óticas reprodutivas.

REFERÊNCIAS

BEE, Helen; BOYD, Denise Roberts. A criança em desenvolvimento. 12. Porto Alegre: Editora ArtMed, 2011.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. reform. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2009.

BRAGHIROLI et al., E. M. Psicologia geral. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CASTELHANO, M. V. C.; LUCIO, G. H. ; SILVA, L. M. S. ; FERNANDES, M. S. ; CUNHA, D. S. ; RAMALHO NETO, A. E. . O desenvolvimento psicosexual e os contextos pulsionais da infância: um olhar psicanalítico. REVISTA COOPEX, v. 14, p. 459-469, 2023.

DAVIDOFF, L. L. Introdução à psicologia. São Paulo: LTC, 2000.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. Teorias da Personalidade. 1. ed. São Paulo: Harbra, 1986.

FEIST, Jess; FEIST, Gregory J.; ROBERTS, Tomi-Ann. Teorias da personalidade-8. AMGH

Editora, 2015.

FONSECA, Aline Arruda Rodrigues; VANDERLINDE, Bruna Renata; LINS, Thatyanna Karla de Britto Poggi. Educação sexual e sexualidade na infância: Uma visão da psicanálise. In: PSICOLOGIA: ABORDAGENS TEÓRICAS E EMPÍRICAS-VOLUME 2. Editora Científica Digital, 2022. p. 10-26.

FREUD, Sigmund, 1856-1936. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade: análise fragmentária de uma histeria ["o caso Dora"] e outros textos [1901-1905]. São Paulo: Companhia das Letras, 2016

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. Vocabulário da Psicanálise. 4a edição. São Paulo: Martins Editora Livraria Ltda, 2001.

LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo. O corpo em psicanálise. Psicologia: Teoria e pesquisa, v. 22, p. 241-249, 2006.

LINDENMEYER, Cristina. Qual é o estatuto do corpo na psicanálise?. Tempo psicanalítico, v. 44, n. 2, p. 341-359, 2012.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Educação sexual: princípios para ação. doxa, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.

MEDNICOFF, E. Dossiê Freud. São Paulo, SP: Universos dos livros, 2015.

PILETTI, Nelson; ROSSATO, Solange Marques. Psicologia da aprendizagem: da teoria do condicionamento ao construtivismo. São Paulo: Contexto, 2012.

QUINET, Antonio. A descoberta do inconsciente. Do desejo ao sintoma. 2aed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

RODRIGUES, Leonardo Silveira; BRANCO, Gabriel Câmara; GELLIS, Andre. Paradigma da educação sexual: diálogos com a psicanálise. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo*, v. 5, p. e11419-e11419, 2023.